



## **MEMÓRIAS DA TRAJETÓRIA DE VIDA/ESCOLARIZAÇÃO NO PROCESSO FORMATIVO DE PROFESSORAS/AS EM EXERCÍCIO**

Maria Eurácia Barreto de Andrade <sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este artigo debruça-se sobre o processo formativo de professores em efetivo exercício da docência em articulação com as trajetórias de vida/escolarização, partindo destes sujeitos envolvidos com suas histórias de vida e memórias do processo. Objetiva, portanto, compreender como foram constituídas as trajetórias destes sujeitos a partir das suas memórias, no intuito de perceber como estas atravessaram a formação docente. Para tanto escolhemos trilhar pela abordagem (auto)biográfica buscando nas memórias conhecer o contexto vivido pelos sujeitos em seu processo de vida-formação, a fim de mergulhar nas suas histórias para conhecer todo o processo vivenciado na infância e nas relações com a escola. Dividido em quatro partes e respaldado nos estudos de Kenski (1994), Bosi (1994), Thompson (1992), Catani (1997), Souza (2006) e Chizzoti (1991), o artigo traz inicialmente uma abordagem introdutória, em seguida discute à luz das teorias atuais a tríade história de vida, memória e formação docente, para logo depois, com um viés no campo empírico, apresentar os fragmentos de história de vida e para não concluir, mas abrir novas reflexões, apresenta narrativas que respaldam as memórias e histórias de vida como fundamentais para o processo formativo de professores em serviço. Os resultados indicam que no exercício da reflexão deixamos nossas marcas, registrando pensamentos, sonhos e desejos construídos no caminhar. Através das memórias revivemos e reconfiguramos o nosso fazer, pois são eles a extensão da nossa ação, do nosso movimento do fazer/construir.

**Palavras-chave:** Formação Docente, Parfor, Memórias, Fragmentos de História de Vida.

### **INTRODUÇÃO**

O processo formativo de professores/as em exercício implica um olhar sensível, revestido de respeito e cuidado. É exatamente por isso que o processo deve partir dos próprios sujeitos, das suas trajetórias de vida, das suas vivências registradas na memória. Nesse sentido, buscamos trabalhar fragmentos da história de vida dos/as professores/as no contexto formativo, adotando como fonte de investigação relatos (auto)biográficos através da memória.

Como docente do componente Fundamentos da Práxis Pedagógica e Estágio Supervisionado no curso de Licenciatura em Pedagogia pelo Plano de Formação de Professores (Parfor), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) no período de 2010 a 2014, foi possível conhecer o contexto vivido pelos professores-cursistas, interlocutores da pesquisa, a fim de mergulhar nas suas histórias para conhecer todo o processo vivenciado na

---

<sup>1</sup> Professora Dr<sup>a</sup> do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, mariaeuracia@ufrb.edu.br



infância, nas relações com a escola, com a família e principalmente os caminhos trilhados no processo de vida-formação, as estratégias de trabalho e os passos para o trabalho pedagógico junto às crianças.

Apesar das diversas discussões e pesquisas atuais acerca do processo de formação docente, a experiência de vida-formação e a reflexão da atuação docente através da memória tornam-se extremamente relevantes para que possamos compreender como foram constituídas as trajetórias destes sujeitos a partir das suas histórias de vida, bem como perceber como se deu o processo de identidade profissional, saberes, práticas e significados atribuídos e como estão refletindo na práxis atual.

A consolidação da memória, história de vida e processo de ensino vem acontecendo de forma veloz nos últimos anos, justamente por facilitar a compreensão, do ponto de vista do imaginário social, as configurações de papéis e as atribuições de sentidos da formação.

A estreita relação entre memória e prática docente é fundamental para o campo pedagógico, uma vez que além de conhecer e resgatar a história dos/as professores/as busca uma intervenção na prática atual, procurando rever algumas práticas e dar um novo significado ao trabalho pautado em uma experiência viva e real. Para Chizzotti (1996), a memória não se caracteriza como fragmentos arruinados, mas, sobretudo como um conjunto das descobertas e das diversas possibilidades e limites que dão razão ao futuro e sentido ao presente. Para o autor, é necessária a utilização constante nas reflexões dos educadores sobre as suas práticas, buscando respostas e compreensões que possibilitem práticas mais consistentes no processo de formação de novos professores.

Neste processo formativo, a memória foi valorizada, uma vez que se entende a extrema contribuição para rever e reviver as práticas pedagógicas, o exemplo de vida-formação dos educadores que permitiram expor suas vidas para contribuição de novas práticas.

Acreditamos que com a singularidade da narrativa dos interlocutores deste trabalho formativo, podemos contribuir com a multiplicidade de olhares ao exercício da docência. Concordamos com Bossi (1994, p.37) quando revela que a intenção de trabalhar com a memória de professores não é escrever uma verdade; “o interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história da sua vida”.

Nesse viés, esta pesquisa objetiva compreender como foram constituídas as trajetórias destes sujeitos a partir das suas memórias, no intuito de perceber como estas atravessaram a formação docente. Para tanto, o artigo contempla além desta introdução, três tópicos que contribuem para melhor abordagem e reflexão da temática em pauta, quais sejam: a metodologia, com a apresentação dos caminhos trilhados, o referencial teórico, com alguns apontamentos que contribuem para o aprofundamento das discussões aqui priorizadas, os resultados e discussões, que apresentam os dados produzidos no campo empírico e suas análises. Por fim, são evidenciadas as considerações finais da pesquisa realizada.



A intenção é que esta pesquisa contribua para fortalecer o debate acerca da contribuição da memória no processo formativo de professores, assim como para ampliar as reflexões sobre as trajetórias de vida/formação de professores/as no processo de formação inicial.

## **METODOLOGIA**

*“Falar de história de vida é, pelo menos pressupor, e é muito, que a vida é uma história e que a vida é inseparavelmente o conjunto de acontecimentos de uma existência individual, concebida como uma história e a narrativa dessa história” (Pierre Bordieu)*

Considerando a sua natureza, o estudo se abastece no âmbito da pesquisa qualitativa, com ênfase na abordagem (auto) biográfica. Para o desenvolvimento da pesquisa, nos apoiamos nas narrativas orais com fragmentos da história de vida de professores/as cursistas, interlocutores da pesquisa. A escolha metodológica desta pesquisa se deu por concordarmos com Cruikshank ao revelar que:

Os relatos orais sobre o passado englobam explicitamente experiências subjetivas. Isso já foi considerado uma limitação, mas hoje é reconhecido como uma virtude da história oral: fatos, pinçados aqui e ali nas histórias de vida dão ensejo e percepções de como um modo de entender o passado é construído, processando e integrando à vida de uma pessoa. (CRUIKSHANK, 1998, p. 156).

Para os questionamentos sobre a fidelidade do relato oral, Thompson (1992) a defende destacando que não só o escrito deve ser considerado como verdade, como valor científico. Para o autor, os fatos coletivos são mais evidentes na história oral uma vez que podemos cruzar os depoimentos das várias versões e preencher algumas lacunas que possam surgir. A história oral valoriza a memória do sujeito e foi nesta perspectiva que esta pesquisa foi realizada.

A história de vida, como processo metodológico desta pesquisa, está ancorado no campo da etnometodologia, originária do campo da fenomenologia. Este tipo de pesquisa vem, ao longo dos anos, ganhando respeito no cenário acadêmico por reconhecer sua importância para o conhecimento do ponto de vista do imaginário social e das atribuições de sentido à escola e as metodologias adotadas. Para Catani (1997) o trabalho com relatos autobiográficos ou histórias de vida é um recurso metodológico que tem um potencial bastante fecundo, uma vez que “favorecem o redimensionamento das experiências [...] e das trajetórias [...] e tendem a fazer com que se infiltrem na prática atual” (CATANI, 1997, p. 18).



Segundo Souza (2006), existem diversas terminologias no campo da abordagem biográfica de professores. Na área de educação adota-se a história de vida, especificamente o método autobiográfico e as narrativas de formação como uma dinâmica de pesquisa-formação. Para o autor,

O entendimento construído sobre a história de vida como um relato oral escrito, recolhido através de entrevista [...] objetiva compreender uma vida, ou parte dela, como possível para desvelar e/ou reconstruir processos históricos e ontrealves vividos pelos sujeitos nos diferentes contextos (SOUZA, 2006, p. 24).

As fontes de recolha dos dados nas histórias de vida podem ser, segundo Souza (2006), agrupadas em duas dimensões: documentos pessoais (autobiografias, diários, cartas, fotografias, dentre outras) e entrevistas autobiográficas (orais ou escritas). Nesta pesquisa, utilizamos tanto a dimensão documentos pessoais como fotografias, cadernos de atividades e livros didáticos utilizados pelos interlocutores no processo pedagógicos e também a entrevista (auto) biográfica oral, com auxílio de gravador para fidelidade no processo de análise e interpretação dos dados. As narrativas foram gravadas através de entrevista em uma boa interação entre o pesquisador e os interlocutores da pesquisa. Foi possível, entretanto, recolher “[...] uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação [...]” (QUEIRÓS, 1988, p. 19).

Portanto, depois de todo processo de entrevista e tratamento dos dados junto aos colaboradores do projeto, os dados foram sistematizados meio da triangulação (Bardin, 2009) no intuito de dar visibilidade às vozes, saberes e fazeres dos sujeitos pesquisados.

## REFERENCIAL TEÓRICO

*As história de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento actual que procuram repensar as questões de formação, acentuando a idéia que “ninguém forma ninguém” e que “a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida”. (NÓVOA, 1988).*

Na epígrafe que abre essa seção teórica, Nóvoa (1988), nos convoca a reflexão sobre os nossos percursos de vida o fortalecimento do processo formativo docente. Neste sentido, reafirmamos a relevância da retomada da trajetória, ao tempo em que evidenciamos, conforme Chozzotti (1996), da estreita relação entre os percursos de vida e a prática docente para o campo pedagógico, uma vez que além de conhecer e resgatar a história do/a professor/a busca uma intervenção na prática atual, procurando rever algumas posturas e dar um novo significado ao trabalho pautado em uma experiência viva e real. Para Chizzotti (1996), a memória não se caracteriza como fragmentos arruinados, mas, sobretudo como um conjunto





das descobertas e das diversas possibilidades e limites que dão razão ao futuro e sentido ao presente.

Convergindo com a concepção de Chizzotti (1996), Kenski (1994) amplia a reflexão ao revelar que a atemporalidade é uma das principais características da memória, exatamente por não ser cronológica e linear, mas sim “[...] mediante a mistura de acontecimentos que ocorrem em diferentes momentos do passado. A lógica das lembranças é a da emoção” (KENSKI, 1994, p.48). Estas lembranças trazem consigo uma mistura de relações que tem um sentido muito amplo para o narrador, pelo alto grau de envolvimento emocional com o tema. São momentos, segundo a autora, “[...] que deixa que as lembranças tenham voz” (p. 48), e que o pesquisador deve observar cuidadosamente, além das vozes, os gestos, expressões e emoções que tem significados importantes que complementam o depoimento verbal. Para o autor, é necessária a utilização constante nas reflexões dos educadores sobre as suas ações pedagógicas, buscando respostas e compreensões que possibilitem práticas mais consistentes no processo de formação de novos professores.

Sobre o uso da memória nas pesquisas sobre a prática docente, Kenski (1994), revela que um dos seus objetivos primordiais está na reflexão, tanto individual quanto coletiva, sobre as influências deixadas por experiências que marcaram a prática pedagógica dos professores. Para a referida autora, as memórias possibilitam reflexões importantes sobre o significado das experiências vivenciadas, os sentimentos e as influências nas escolhas pessoais e profissionais. Estas pesquisas são respaldadas por diversos pesquisadores, dentre os quais descacam-se os pressupostos teóricos de Lima (1988) e Kenski (1991), por terem em seus estudos a comprovação de que os professores inventam maneiras próprias de atuar na docência, baseadas nem sempre apenas no conhecimento do conceitual ou metodológico do seu processo formativo, mas também pautadas

[...] nas vivências que tiveram e que a situação de ensino em que se encontram ajuda a recuperar. Essa recuperação nem sempre é feita de forma consciente e nem sempre também está relacionada a imagem de bons professores. Em alguns casos [...] é a imagem do professor que marcou negativamente a história de vida que vem a ser recuperada. (KENSKI, 1994, p. 46)

Isso revela o impacto que a memória imprime na prática docente e, por isso, a relevância do seu estudo para garantir reflexões que contribuam para uma tomada de consciência da origem das suas ações pedagógicas, pois, como esclarece a referida autora, um breve passeio ao passado, pode elucidar “[...] as simpatias e aversões que sentiu, as crenças e



preconceitos em relação ao conteúdo da matéria que leciona ou ao grupo de alunos que ensina”. (KENSKI, 1994, p. 47).

Assim, pesquisar as histórias de vida de professores contribuem para a percepção de como estas influenciam as suas práticas, além disso, aproxima as interações entre outros docentes pela reflexão das suas lembranças, possibilitando um aprofundamento das discussões sobre as suas vidas e suas ações. Thompson (1997) revela que os estudos evidenciam a autobiografia como uma forma peculiar de compreensão da vida, para ele

Quem busca os fios de ligação na história de sua vida já terá criado, de diferentes pontos de vista, uma coerência naquela vida que agora está pondo em palavras. Em sua memória, já terá separado e salientado os momentos que experimentou como significativos, outros terá deixado perderem-se no esquecimento. Assim, o primeiro problema, de anotar e apresentar as conexões históricas, já estará meio resolvido. (THOMPSON, 1997, p. 47).

As histórias de vida, relatos orais, autobiografias, configuram a importância e necessidade de falar sobre aspectos da infância, a relação com a família, o processo escolar, a experiência na docência, a relação com os alunos, as concepções que sustentam a prática, os métodos de ensino, as crenças pedagógicas, os livros adotados, o processo de formação, enfim, de todas as experiências vivenciadas ao longo da existência. Nesta perspectiva este trabalho será direcionado e concordamos com Chizzotti (1996) quando revela:

[...] a história de vida ou relatos podem ter forma obrigatória onde o autor relata suas percepções pessoais, os sentimentos íntimos que marcaram a sua experiência, ou os acontecimentos vividos no contexto da sua trajetória de vida. Pode ser um discurso livre de percepções subjetivas ou recorrer às fontes documentais, as afirmações e relatos pessoais. (CHIZZOTTI, 1996, p. 47).

Nesta pesquisa, a memória foi valorizada, uma vez que se entende a extrema contribuição para rever e reviver fragmentos da vida-formação de professores cursistas que consentiram expor suas vidas para contribuição de novas práticas e para o esclarecimento de ações pouco discutidas na academia.

Com estas trajetórias de vida docente, com os sentidos atribuídos à vida, a escola e aos processos pedagógicos, a partir do imaginário social é, sem dúvida, uma importante contribuição para a formação que está sendo construída, pois acredita-se que esta abordagem permite evidenciar o movimento vivido no exercício do magistério a partir da narrativa oral. Acreditamos sim, que com a singularidade da narrativa dos interlocutores desta pesquisa, pode-se contribuir com a multiplicidade de olhares ao exercício da docência.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**



Falar sobre a vida-formação, reviver e registrar fragmentos de vida é um grande desafio, implica nomear sujeitos que participaram diretamente do processo vivido e se compreender como ser histórico que pode projetar o futuro sem esquecer a dimensão da totalidade que foi constituída. Como revela Bossi (1994, p. 20), significa essencialmente a “[...] compreensão do agora a partir do outrora; [...] reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição”.

Os professores estudantes, sujeitos deste trabalho, com muitas dúvidas, emoções, desejos e um grande compromisso em reviverem momentos da sua vida-formação relembrou e registraram fragmentos das suas histórias vividas.

*Ao revisitar o passado e rememorar o presente, sinto-me desafiada e, ao mesmo tempo, tomada por uma forte emoção, pensando no grande compromisso que tenho comigo mesma ao mergulhar no passado, relembro e relatar sobre minha infância, adolescência e idade adulta. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

*Realmente é preciso superar certos desafios para discorrer sobre minha história em meus diversos contextos. Já me sinto movida pela grande responsabilidade, confesso que também um certo receio, diante de tamanho compromisso ao ser expectadora da minha própria história. Lágrimas furtivamente insistem em fazer parte desse mágico momento, recheado de recordações que se apresentam como se estivesse assistindo a um filme, onde a principal personagem se coloca nas diversas interfaces e vêm à tona muitas cenas: sonhos, realizações, perdas, ganhos, medos, ousadia, frustrações, conquistas e uma vida desvelada. (Professora cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

*Penso que cada um vê com os olhos que tem e interpreta a partir de onde os pés pisam. Sendo assim, co-autora da minha própria história, percebo-me e coloco-me em profunda reflexão sobre as lições e leituras da vida, do mundo e da minha própria trajetória. (Professora cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

Mesmo sendo um desafio falar de si mesmo, os/as professores/as nos fragmentos das histórias de vida registram as dores dos momentos tristes e os prazeres das conquistas vivenciados no cotidiano social. Como defende Bosi (1994, p. 37) os fragmentos de vida possibilitam “[...] registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento de seres [...] este registro alcança uma memória pessoal”. Nesse processo os professores revivem as primeiras lembranças de vida.

*Sou de uma família humilde que sobrevivia do trabalho incansável da agricultura e da criação de bode. Meu pai era muito feliz com a família, era*

*analfabeto e não sabia escrever, apesar dos meus pais não terem oportunidade de estudar, ele acreditava que seus filhos tinham que estudar para ter um futuro melhor (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

*As minhas brincadeiras foram simples com material de sucatas e tudo se transformava em brinquedos. Tive apenas uma boneca de pano feita pela minha mãe, os sapatos da boneca eram feitos de caixa de papelão e colada com goma de tapioca ou com leite da madeira da favela, era um diversão maravilhosa, uma infância simples e humilde, mas vivida com felicidade. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

*[...] nasci no dia 17 de novembro de 1969 numa fazenda chamada Serra Vermelha. Nesta fazenda havia várias casas e em uma delas morávamos eu, minha mãe, meu pai e meus cinco irmãos. Éramos muito pobres em sentido material. Havia ocasiões em que não tínhamos nem o que comer. Às vezes minha mãe preparava palma e xiquexique (alimento normalmente usado para alimentar os animais no período da seca) para nos alimentar. Meu pai era muito ciumento e dizia que eu não era filha dele. Fazia ameaças a minha mãe. Era comum ela ir trabalhar e deixar a gente com ele. Por não gostar de mim ele me colocava fora de casa na hora da refeição e fechava a porta para que não comesse. Às vezes tive que comer terra para saciar a fome. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

*Por meu pai ter sido criado sem pai e sem mãe era muito nervoso e às vezes espancava os seus filhos que desobedecesse as suas ordens. Minha mãe sempre carinhosa, paciente e cuidadosa com os seus onze filhos dava o melhor de si e sempre procurava nos convencer que nosso pai nos amava de uma maneira diferente, e que tudo ia passar. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

*[...] meu pai era um homem rude, de poucas palavras, distante e desamoroso com os filhos; principalmente se fosse mulher e de pele negra (por incrível que pareça, ele era negro), portanto, conviver com ele era assustador, com apenas um olhar, fazia um filho chorar; um dia deu uma surra no meu irmão que o sangue correu das costas. Agente já sabia; quando ele sentava a mesa só podia sentar com ele os meninos, quando terminavam era nossa vez de sentar. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

Pelas nossas memórias, deixamos nossa marca na história, são elas que ampliam a nossa reflexão e historicizam o processo no seu movimento, na pulsação da ação real contribuindo para a conquista do objetivo esperado. O início da vida escolar também foi lembrado pelos professores estudantes. Lembranças boas e momentos difíceis foram revelados e reafirmados.

*Quando eu tinha 7 anos, tive o primeiro contato com a escola. Uma professora marcou muito minha vida estudantil no início da escola primária foi Rosa<sup>2</sup>, ela foi um exemplo de vida, além de me ensinar as primeiras*

<sup>2</sup> Os nomes dos/as professores/as mencionados/as são fictícios a fim de preservar as suas identidades.





*letras, me ensinou uma coisa importante: a ser uma pessoa humilde. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

*Lembro como se fosse hoje o primeiro dia que frequentei a escola que tinha como nome “O Sossego da Mamãe”. Era pública e bastante organizada; eu era muito tímida e chorona. Nunca esqueci minha primeira professora Orquídea, que com seu jeito carinhoso contribuiu no meu desempenho e descoberta das primeiras letras. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

*O período de estudos, assim como a subsistência de inúmeras famílias do campo foi muito difícil porque a professora lecionava para os estudantes da zona rural em uma sala multisseriada e sua prática pedagógica era repleta de princípios tradicionais evidentes na sua postura, pois esta se limitava a passar conteúdos dos livros e a punir aqueles alunos que não decoravam a tabuada. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

*Iniciei a minha carreira estudantil aos 07 anos de idade numa escola da zona rural em uma sala de multisseriada onde consegui ser a aluna destaque na tabuada. Era na época da palmatória com a qual me divertir bastante dando bolos nos colegas [...].(Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

*[...] ter sido aluna do Colégio Paulo VI significou o fortalecimento da minha vida, estava sonhando em produzir novos sentidos. Eu posso chamá-lo de escola de vida, sei que fui muito feliz naquele espaço ali aprendi, brinquei, chorei, corri, levantei, briguei, namorei, e cresci. Momentos felizes estão sempre presentes na vida de cada um de nós. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

Além de lembranças da infância, do ingresso escolar, do processo formativo, as professoras cursistas também lembraram do processo de inserção na docência, representado por momentos recheados de desafios, lutas, mas acima de tudo de conquistas e realizações. Nas narrativas dos seus fragmentos revelam:

*Ser professora para mim significa crescer criticamente e exercer minha capacidade de aprender por que sempre que entramos em sala de aula aprendemos um pouco a cada dia. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

*A vocação de ensinar consiste na escuta interior de um projeto que dá sentido e valor a vida inteira. É um modo de ser e viver, permeado pela resposta ao chamado de Deus e da realidade presente. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

*Iniciei em 1999 o meu trabalho como educadora em uma classe multisseriada na zona rural [...] passei a morar lá para desenvolver um melhor trabalho, percebi o quanto era difícil desempenhar um bom papel em meio a diversidade de séries e quantidades de alunos, eram quarenta que iam da pré-escola a quarta série, [...] não era fácil, mas gostava do que fazia mesmo diante das dificuldades permaneci lá durante 2 anos. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*



*[...] comecei minhas atividades pedagógicas [...] usando métodos tradicionais; hoje já tenho procurado mudar, quero que meus alunos construam seu conhecimento a partir do meio em que vivem. Também propondo sempre momentos de descontração por compreender que cada criança é única e desenvolve seu relacionamento através da afetividade. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

*Gosto muito de ensinar, trabalho por amor e com certeza os frutos virão, pois educar é semear. Como professora eu tenho o universo em minhas mãos, eu e meus alunos procuramos cultivar tudo de bom, dando sentido para a realidade da vida. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

A Universidade, embora fosse um grande sonho, em alguns momentos se tornou um grande desafio para conciliar com o trabalho e a família. Apesar das inúmeras dificuldades, os professores cursistas revelam a felicidade de poder aprender mais para ampliar as possibilidades de uma prática pedagógica mais consubstanciada nas teorias atuais e voltada para as necessidades sociais cotidianas. As narrativas dos/as professores/as revelam que a Universidade se despontou como uma grande oportunidade e conquista.

*Embora o gosto pelos estudos estivesse adormecido [...] a Universidade conseguiu me tirar deste sono, por ter expandido os conhecimentos e o desejo de prosseguir os estudos. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

*Os desafios foram muitos, para mim foi difícil, conciliar trabalho estudo e família, meus sábados, domingos e feridos são comprometidos, pois são os dias de fazer os trabalhos da faculdade, já que preciso fazer várias leituras para melhor compreensão dos textos, mas pouco a pouco estou me adaptando e tudo começa a dar certo. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

*Tive muita dificuldade com os trabalhos acadêmicos, muitos seminários, palestras, textos, projetos, tudo isso era novo para mim, hoje já sinto a diferença na minha vida, fui aprendendo aos poucos e graças a esse curso descobri que são nas coisas simples, na oportunidade do diálogo e na troca de experiência e informações, que nascem as grandes descobertas de si, do outro e do mundo. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

*Quando iniciei o curso estava desmotivado, só pensando em desistir, mas os meus colegas me davam muita força para continuar e assim procurei me esforçar estudando em equipe e acabei gostando do que estava acontecendo. Apreendi muitas coisas com os professores, novas ideias, assuntos, disciplinas que nunca tinha visto [...].(Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

*Sempre tive um sonho de fazer uma Graduação, já pensava muito em me aperfeiçoar com os conhecimentos do mundo científico, porém, as barreiras eram muitas, devido à distância e o meio de locomoção até a universidade mais próxima. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*



*De agora em diante novos caminhos se abrirão, novos horizontes aparecerão, porque essa formação vai me proporcionar novos conhecimentos e novas metodologias e assim ampliarei meu trabalho como educadora. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

Além dos fragmentos de história de vida que trazem as marcas do processo de vida e formação, a prática de escrever sobre a experiência vivida, sobre a prática exercida, as dúvidas e os desafios enfrentados no processo pessoal de aprendizagem é uma experiência rica, complexa e necessária, pois propõe a tematização da prática para torná-la objeto de reflexão.

A reflexão por escrito é um dos mais valiosos instrumentos para aprendermos sobre quem somos e sobre nossa prática educacional por favorecer a tematização do trabalho realizado e do processo de aprendizagem, a sistematização dos saberes adquiridos e a reflexão escrita como ferramenta para o crescimento profissional.

A memória por ser uma ação do tempo presente depois da ação, implica em uma discussão reflexiva do que afetou, do que tocou na ação realizada para que possa ser redimensionada.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

*“De tudo que está escrito, eu amo somente aquilo que o homem escrever com seu próprio sangue”. (Nietzsche).*

Assim são escritas as nossas trajetórias de vida, com o sangue que corre, com a pulsação da vida, com as verdades reveladas em palavras de medo, desejo, sonhos e vitórias construídas passo a passo. Memórias de um novo caminhar, construído a partir de reflexões, avaliações e observações registradas com o próprio sangue.

A reflexão é uma ação libertadora e transformadora porque instrumentaliza o sujeito para o exercício do pensar para descobrir novos caminhos, detectar novas possibilidades e reconstruir o percurso. É no exercício da reflexão que deixamos nossas marcas, registrando pensamentos, sonhos, desejos, acertos e erros construídos no caminhar. Através dos fragmentos de história de vida e memórias revivemos e reconfiguramos o nosso fazer, pois são eles a extensão da nossa ação, do nosso movimento do fazer/construir. Para não concluir e sim abrir para novas histórias de vida-formação apresentamos os fragmentos, reflexo do caminhar dos sujeitos.



*Inicialmente considerei como um desafio narrar minha história, mas ao concluí-lo sinto que foi também algo gratificante. Especialmente porque temos muitas coisas alegres e felizes que vivemos no passado. Essas sim merecem uma recordação constante. Mesmo os momentos de tristezas e dificuldades podem ser proveitosos depois que a situação passa. E quão bom é superar uma situação difícil. Em toda essa trajetória conheci várias pessoas e lugares e fiz muitas amizades. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

*Foi de suma importância escrever a minha trajetória estudantil, pois tive que fazer uma retrospectiva de vida. E voltar a esse passado foi fantástico, pois abri a porta e rebusquei lembranças das coisas que já tinham caído em total esquecimento [...] lembrei de coisas prazerosas. Mas o passado tem o papel fundamental no presente, pois pude fazer uma análise da minha vida estudantil de antes com a de agora. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

*Este momento é a oportunidade do desabafo de uma profissional frente a si mesma e a sua circunstância, quem sou, como fui, os desafios em me tornar esposa e mãe, quais foram as dificuldades na trajetória antes de iniciar este curso, os ensinamentos adquiridos dos semestres, o que adquiri com o curso de pedagogia, o que tive que viver em meio a esse tempo de curso, qual o meu sentimento em relação a minha profissão e também o quanto os professores nos ajudam e superar nossos desafios em sala de aula. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

*[...] a história de vida serviu de suporte para uma melhor reflexão da vida e da docência, proporcionando a oportunidade de rever os saberes que tenho construído ao longo da caminhada. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

*[...] escrever estes fragmentos de história de vida é uma oportunidade de resgatar do meu passado lembranças esquecidas que marcaram, e que a maioria delas é muito boa de ser lembrada, é uma história marcada por fatos inesquecíveis, é um trabalho dirigido as minhas lembranças e as expectativas futuras, com certeza foi um grande desafio, e por isso estou, muito entusiasmada em escrever a minha própria história. (Professor cursista Pedagogia da Uneb/Parfor).*

As memórias nascem de uma ação refletida para ser transformada, é exatamente esta a intenção: refletir e avaliar cada ação realizada para aperfeiçoá-la e redimensioná-la de forma cuidadosa e bastante responsável. Como revela Moita *apud* Nóvoa (1994) na história de vida é possível perceber como cada sujeito, permanecendo ele próprio, se transforma.

## **REFERÊNCIAS**

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BOSI, Ecéa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.





CATANI, D. B [et al]. História, memória e autobiografia na pesquisa educacional e na formação. In: CATANI, D. B. (Org.) **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1996.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição Oral e História Oral: revendo algumas questões. In: FERREIRA, Marieta de M; AMADO, Janina (Org.) **Usos e Abusos da História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, c.11, p. 215-218, 1998.

QUEIROS, Maria I. P. de. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga de Moraes Von. (Org.) **Experimentos com história de vida**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988, p. 14-43.

KENSKI, V. M. Memória e ensino. **Cadernos de pesquisa**. n. 90. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Cortez Editora, ago/1994. p. 45-51.

NÓVOA, António e FINGER Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (Org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1994.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: Uneb, 2006.

THOMPSON, E. P. **A Voz do passado, história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.